

O CORPO E AS TRÊS DIMENSÕES DA SEXUALIDADE NA FENOMENOLOGIA DA PERCEÇÃO DE MAURICE MERLEAU-PONTY

The body and the three dimensions of sexuality in Maurice Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception

Diego Luiz Warmling¹

Resumo: Dos estudos que Maurice Merleau-Ponty dedica à noção de corpo, este artigo versa sobre os modos como a questão da sexualidade pode ser compreendida. Com efeito, dentro desta perspectiva, o corpo não se confunde com aquilo que se pode pensar dela a partir de uma perspectiva tanto objetivista quanto subjetivista, mas diz respeito à nossa forma ampla de inserção no mundo da vida. Na junção entre natureza e liberdade, o corpo não é da ordem do “eu penso”, mas do “eu posso” – é potência exploratória. Assim, ser corpo é estar amarrado a certo mundo; é só por ele que o ser vai ao mundo. Todavia, se assim o for, o mesmo só pode ser compreendido a partir da relação que mantem com outras realidades sensíveis, para além de uma experiência para mim. Deste modo, será, pois, preciso passar a considerar a afetividade e a sexualidade como partes constituintes do nosso trato com o mundo. Enquanto modo de ser que evidencia nossa relação com as coisas, sem apresentar-se, contudo, independente da infraestrutura existencial humana, revisitaremos, portanto, *O Corpo como Ser Sexuado* presente na *Fenomenologia da Percepção* e veremos como este *a)* nos abre para o outro, *b)* revela o nosso estilo de ser, e *c)* nos mostra a promiscuidade entre existência e vida sexual.

Palavras-chave: Merleau-Ponty. Fenomenologia. Corpo. Sexualidade.

Summary: Of the Merleau-Ponty studie's dedicated to the notion of body, this article talks about the ways how the subject of sexuality can be understood. Under this perspective, the body is not confused with what can be think of it from a view of both objectivist as subjectivist, but concerns our broadly way of incorporation in the world of life. Fusing nature and freedom, the body is not of the order of "I think", but of the order of "I can" – is exploratory power. In this case, be body is being tied with a certain world; just so that go be into the world. However, the body can only be understood based on the relationship that keeps with other sensitives realities, as well as an experience for myself. In this way, we must begin to consider affectivity and sexuality as constituent parts of our relations with the world. As a mode of being that reveals our relations with things, without being independent of human existential infrastructure, we revisit *The Body in Its Sexual Being* found in the *Phenomenology of Perception* and see how he opens us to the other, reveals our way of being and shows us promiscuity between life and sex life.

Keywords: Merleau-Ponty. Phenomenology. Body. Sexuality.

Merleau-Ponty e a Corporeidade da Existência

Ao vislumbrar os modos como o ser interage com as coisas ao seu redor, é por meio da percepção e da consciência encarnada que a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty trata a temática do homem compreendido como ser-no-mundo. Para o francês, este (homem) jamais conseguiria lidar com as intempéries do meio sem antes partir de certos pressupostos que, se comparados àquela tradicional antinomia sujeito-objeto – encontrada,

¹ Doutorando em Filosofia, UFSC.

por exemplo, na tradição cartesiana –, remeteriam a uma espécie de envolvimento pré-reflexivo ou irrefletido que o ser mantém com o mundo. Com efeito, antes mesmo de uma consciência tética, “se para mim um projeto e uma interpretação do real são possíveis, é porque estou irremediavelmente ligado com o real num sentido radical.”², como uma presença inalienável. Aqui entendida como um trazer à tona certas experiências fundamentais de um mundo sempre já aí, que mescla ora sujeito ora objeto, ora existência ora essência, e cuja meta está em restituir o contato ingênuo com as coisas, tal ligação só pode ser firmada em sua radicalidade a partir do instante em que o homem encontra sua raiz na vivência de um corpo. Somente uma conexão íntima entre vida perceptiva, corpo e ser-no-mundo poderia nos revelar o verdadeiro “sentido do ser”.

Levando em conta que nosso agir cotidiano está sempre amparado por certo envolvimento pré-reflexivo com as coisas, para o autor, é somente através do corpo que o homem pode projetar-se no mundo: “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”³. Precavendo-se de retomar a questão da existência sem cair, por exemplo, nos riscos de interpretar a natureza ou como pura representação do entendimento⁴, ou como pura exterioridade e alienação⁵ ou até mesmo enquanto abstração de uma análise ontológica do Ser-aí⁶, Merleau-Ponty radicaliza a noção fenomenológica de “retorno às coisas mesmas” para dizer que, enquanto unidade em relação, o ser-no-mundo só pode ser compreendido a partir de um organismo vivo. É se concentrando em fundamentar a noção de comportamento como uma totalidade aberta (natureza + organismo + psiquismo) para além de uma exterioridade mecanicista ou determinista que, desde os primeiros trabalhos, o filósofo dedica seus esforços à preparar uma filosofia cuja descrição do pré-reflexivo está voltada para “uma fundação perceptiva do mundo realizada pelo corpo próprio e no corpo próprio enquanto corpo cognoscente ou princípio estruturante”⁷. Transportando a infraestrutura de sua fenomenologia para os termos de uma investigação psicofisiológica (subjetivismo e objetivismo integrados numa totalidade), não nos enganamos ao dizer que, para Merleau-Ponty, ser homem é ser corpo em relação de familiaridade com o mundo. Precisemos, então, qual o sentido destas asserções.

Segundo Pascal Dupond, em Merleau-Ponty a noção de corpo não deve ser compreendida somente como uma unidade física e objetiva que, em-sí, pode ser decomposta e analisada em elementos (corpo objetivo). Além de objetivo, o corpo é também uma entidade fenomênica, ou seja, um corpo próprio que, além de uma experiência para mim, é, num só tempo, eu⁸: é algo no qual “me apreendo como exterioridade de uma interioridade ou interioridade de uma exterioridade, que aparece para si próprio fazendo aparecer o mundo, que, portanto, só está presente para si próprio [...] e não pode se fechar numa pura

² WAELEHENS, A. Uma Filosofia da Ambiguidade. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp. I-XXV, p. XII

³ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 11.

⁴Kantismo

⁵Hegelismo

⁶Referência ao Dasein heideggeriano

⁷ CHAUI, M. S. **Experiência do pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 66.

⁸Na *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty entende a noção de corpo segundo duas acepções: corpo objetivo e corpo próprio (corpo fenomenal). Levando em conta a própria estruturação deste projeto, não trataremos aqui (em nota) desta segunda acepção, pois acreditamos já estar compreendida em toda a proposta. Sendo assim, partindo da fisiologia e da psicologia clássicas, no que tange à primeira acepção (corpo objetivo), diferentemente da segunda (para a qual o corpo possui intenções próprias que o levam a agir como totalidade portadora de todas as correlações possíveis), nesta opera certo objetivismo no qual o corpo é compreendido como “o modo de ser de um ‘coisa’” e está diretamente conectado a uma espécie de gênese virtual constituinte onde, partes extra partes, só se admitem relações mecânicas causais entre si e os objetos externos: é um microfenômeno que, na tentativa de objetividade, propõe-se separar excitação e reação em processos parciais e exteriores uns aos outros no tempo e no espaço.

interioridade”⁹. Examinado com base nas teorias da Gestalt, longe de qualquer determinismo¹⁰, o corpo não é nem um resultado de processos mecanicistas (causa e efeito), nem um mosaico de sensações que, associadas à experiência do pensamento, receberia desta um significado vital; enquanto fenômeno do ser no mundo (corpo próprio), possui intenções próprias que o levam a agir como totalidade portadora de todas as correlações possíveis – *é e se percebe ao mesmo tempo*.

Desta feita, interessado em mostrar como a experiência corporal deve ser entendida tal qual um campo intencional, caracterizado pelo *a priori* de correlação entre atos e correlatos (entre atualidades e virtualidades), na *Fenomenologia da Percepção* o autor mostra como o corpo não é nem objeto nem ideia no meio, mas vivência que, em carne e osso, é síntese de um *corpo próprio*: “a experiência do corpo próprio nos ensina a enraizar o espaço na existência. [...] revela sob o espaço objetivo [...] uma espacialidade primordial da qual a primeira é apenas o invólucro e que se confunde com o próprio ser do corpo”¹¹. Ser corpo é, deste modo, estar amarrado a certo mundo, pois o corpo é no espaço e sua espacialidade “é o desdobramento de seu ser corpo, a maneira pela qual ele se realiza como corpo”¹² ou síntese corporal.

Para fenomenologia de Merleau-Ponty, o corpo é, por sua própria natureza, um paradoxo (algo estranho): enquanto poder enraizado de expressão e criação de diferentes sentidos e histórias, é um objeto que ao mesmo tempo sou eu presente em meu campo perceptivo – é, num só tempo, sujeito e objeto. Conforme o sujeito fala, pensa ou teoriza sobre seu corpo, a experiência que tem dele é, sempre, parte de sua vida. Cada movimento seu pode despertar uma espécie de estímulo virtual e se desvia do mundo para situar-se no possível. Sendo assim, “o corpo, que não é nem coisa nem ideia, [...] não é da ordem do 'eu penso', mas do 'eu posso’”¹³ – é potência exploratória. A noção de corpo (*corpo próprio*) é a biface pela qual as coisas se ordenam para mim. Na junção entre natureza e liberdade, o corpo é veículo do ser no mundo. Sem objetificar-se, porém sem jamais deixar de ser coisa entre outras coisas, é por ele que o ser vai ao mundo. Ser corpo é, então, o poder geral que o sujeito psicofísico tem de aderir e habitar todos os espaços (meios e coisas) do mundo, estando sempre engajado entre eles; o que, por sua vez, garante certo co-pertencimento¹⁴ do ser em relação em relação às coisas:

do fundo de minha subjetividade vejo aparecer uma outra subjetividade investida de direitos iguais, porque no meu campo perceptivo se esboça a conduta do outro [...]. Do mesmo modo que meu corpo, como sistema de minhas abordagens sobre o mundo, funda a unidade dos objetos que eu percebo, do mesmo modo o corpo do outro, como portador das condutas simbólicas e conduta do verdadeiro, afasta-se da condição de um de meus fenômenos, propõe-se a tarefa de uma verdadeira comunicação e confere a meus objetos

⁹ DUPOND, P. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2010, p. 12.

¹⁰Merleau-Ponty busca a todo momento fugir tanto de um espiritualismo (desenvolvimento da noção de mundo a partir do *cogito*) quanto de um realismo (posição em relação o mundo como um sistema de propriedades físicas subjugadas à um conjunto de reações causais).

¹¹ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 205.

¹² MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 206.

¹³ CHAUI, M. S. **Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 68.

¹⁴Segundo Eric Matthews (2010), em Merleau-Ponty os organismos/objetos estão numa relação de co-pertencimento não apenas por estarem localizados em determinado lugar e tempo, mas, na medida em que fazem demandas uns aos outros, criam entre eles ligações outras que não somente aquelas relacionadas à uma causalidade espaço-temporal.

a dimensão nova do ser intersubjetivo ou da objetividade¹⁵.

Recuperando a experiência originária da percepção, podemos então dizer que a experiência do *corpo próprio* ocupa um lugar privilegiado em Merleau-Ponty. Enquanto fenômeno, é uma unidade implícita e sempre misteriosa, pois “revela-nos um modo de existência ambíguo”¹⁶. Nem puro objeto nem pura ideia, sensível entre outros sensíveis, é, portanto, “a própria existência em seu movimento de transcendência: é a potência de se juntar às coisas e se sincronizar com elas”¹⁷. Sendo, em si, o pacto firmado entre sujeito e mundo, é a gênese que dá sentido e lugar às nossas experiências. Enquanto princípio que, encarnado, percebe, se move, deseja e sofre, o corpo é, num só tempo, 1) princípio motor (esquema corporal)¹⁸, 2) ser sexuado e 3) lugar da expressão¹⁹. Sempre envolvido “em nossas tomadas de posições subjetivas”²⁰, constitui, portanto, estrutura estável de nossa existência.

Tendo em vista nossos objetivos para este artigo, não nos determos, aqui, nem na primeira (corpo entendido como princípio motor ou esquema), nem na terceira (corpo como lugar da expressão) das acepções de corpo compreendidas por Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção*, mas sim nesta segunda (ser sexuado), que é de onde o filósofo reconhece certa reciprocidade entre existência e sexualidade, compreendendo sempre que esta *a)* ora é o fator determinante de nossa abertura para o outro, *b)* ora é o estilo de nossa existência e *c)* ora é determinada por esta mesma existência, nos mostrando a promiscuidade entre existência e vida sexual. Revisitemos, portanto, o que o francês tem a nos dizer sobre a questão da sexualidade em *O Corpo como Ser Sexuado*.

Merleau-Ponty e a Três Dimensões do *Corpo como Ser Sexuado*

a) A Insuficiência das Teorias Clássicas e a Abertura à Alteridade.

De acordo com *Fenomenologia da Percepção*, a relação que mantemos com o mundo está constantemente incluída na relação do corpo consigo mesmo. Todavia, quando pensa no *esquema corporal*, este só poderá fazer sentido se estiver compreendido em relação com outras realidades sensíveis. É necessário, portanto, ter em vista certa atmosfera que, para além de uma experiência para mim, evidencie nossa relação com o mundo sem apresentar-se como independente da infraestrutura existencial humana. Se em algum ponto desejamos descrever a gênese do ser, enquanto estrutura que só tem sentido e realidade para nós, devemos, pois, buscar compreender como as coisas se dispõem para nós “pelo desejo ou pelo amor, e através disso compreenderemos melhor como objetos e seres podem em geral existir”²¹. Segundo Reinaldo Furlan, “nossa relação ao Ser não é uma relação de puro conhecimento objetivo, em primeiro lugar, mas se constitui através do nosso ser total, em que o caráter afetivo se faz presente desde o início”²². Deste modo, se na fenomenológica nossa meta é sobretudo por em relevo a função primordial através de onde os objetos e

¹⁵ MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**; precedido por Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção (1933) ; e, A natureza da percepção (1934). Campinas: Papyrus, 1990 b, p. 51

¹⁶ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 268.

¹⁷ DUPOND, P. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2010, p. 13.

¹⁸ Pois o meu corpo é uma fronteira que as relações espaciais ordinárias não transpõem

¹⁹ Pois, dentre os modos de ser, a fala exprime nossa intersubjetividade no mundo.

²⁰ FERRAZ, M. S. A. **O transcendental e o existente em Merleau-Ponty**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, 100.

²¹ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 213.

²² FURLAN, R. **Introdução à Filosofia de Merleau-Ponty**: contrapontos com Freud e Wittgenstein. 1998. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998, p. 242.

coisas se dispõem para nós e se, inclusive, o mundo natural é este ato de transcendência em que o sujeito não apenas vê-se arrebatado, como encontra-se perante “uma natureza que não precisa ser percebida para existir”²³, é pela via da afetividade onde talvez possamos rever os limites da fuga objetivista; para quem corpo e sexualidade ora são vistos como mecanismos isolados e passivos aos mandos e desmandos da atividade racional (intelectualismo), ora reduzidos a um automatismo instintivo e mecânico, pautado por relações de causa-feito entre estímulos e respostas (empirismo)²⁴.

Merleau-Ponty demole tanto o empirismo que vê na experiência erótica uma certa correlação entre estímulo exteroceptivo e resposta interoreceptiva, como também o intelectualismo, que objetiva o fenômeno sexual a uma certa manifestação sensorial, apreendida pela consciência, distanciando-a de sua radicalidade fenomênica. [...] dentro deste contexto [...] a corporeidade surge como um ponto de apoio no processo de estruturação da experiência sexual-erótica. É ponto de apoio, pois é elemento de visibilidade [...] em seu entrelaçamento com os aspectos mundano da existência²⁵

Seguindo, é na análise de certos fenômenos patológicos onde Merleau-ponty nos mostra as insuficiências das teorias clássicas. De fato, geralmente postas segundo os moldes da relação entre prazeres e dores, dentro dos limites de uma ótica clássica, sexualidade e afetividade estão costumeiramente vinculadas ao que podemos compreender como um “mosaico de estados afetivos” que, fechados em si, só fazem sentido em vista de uma organização corporal. Se nesta mesma organização admitimos também o atravessamento da inteligência, segundo as leis associacionistas, simples representações podem desviar-nos dos estímulos naturais e, de transferência em transferência, dispor-nos à circunstâncias ou valores que, se por um lado nos são aparentemente indiferentes, por outro, não têm relação direta com “nossos prazeres e nossas dores naturais”²⁶. Para Merleau-Ponty, a lente objetiva (intelectualismo & empirismo) não apenas fundamenta determinados processos comportamentais com base em leis de associação entre estímulos e ideias, como encontra-se cada vez mais afastada dos estados “elementares”, o que, por consequência, nos conduziria à afetividade como um modo de representação causal da consciência, distante de sua originalidade intencional.

A partir de um foco epistêmico, “o reforço a certos estímulos promoveria o condicionamento de certos comportamentos ou a sua extinção”²⁷. E se as acepções clássicas fossem de fato justas, é na exata medida onde o corpo é sobretudo a reunião de unidades pontuais e transparentes que “todo desfalecimento da sexualidade deveria reconduzir-se ou à perda de certas representações, ou então a um enfraquecimento do prazer”²⁸. Todavia, dentro do horizonte da sexualidade, a patologia de Schneider ²⁹nos mostrar uma perspectiva

²³ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 213.

²⁴ Ainda que tente superá-lo, o empirismo refaz a todo instante sua cumplice com o cartesianismo, pois introduz a “associação” como modo para explicar como o sensível não pode ser, por si só, autônomo.

²⁵ SILVEIRA, F. **Corpos sonhados - vividos**: A questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005, p. 162.

²⁶ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 214.

²⁷ SILVEIRA, F. **Corpos sonhados - vividos**: A questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005, p. 161-162.

²⁸ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 214.

²⁹ Devido a uma lesão na região occipital, a patologia de Schneider o obriga a transpor cada parte tocada de seu corpo à condição de figura/representação para que só assim consiga saber onde foi tocado. Tal qual uma equação

distinta que não pertence exclusivamente à ordem do entendimento, mas liga cegamente um corpo a outro. Vejamos.

Um doente nunca procura, por si mesmo, o ato sexual. Imagens obscenas, conversações sobre temas sexuais, a percepção de um corpo não fazem nascer nele nenhum desejo. O doente quase não abraça e o beijo não tem para ele valor de estimulação sexual. As reações são estritamente locais e não começam sem contato. Se nesse momento o prelúdio é interrompido, o ciclo sexual não procura prosseguir-se. No ato sexual, a *intromissio* nunca é espontânea. Se o orgasmo ocorre primeiro na parceria e ela se afasta, o desejo esboçado se apaga. A cada momento as coisas se passam como se o paciente ignorasse o que deve fazer. Não existem movimentos ativos, senão alguns instantes antes do orgasmo, que é muito breve. As poluções são raras e sempre sem sonhos. Tentaríamos explicar essa inércia sexual — como acima explicamos a perda das iniciativas cinéticas — pelo desaparecimento das representações visuais? Mas dificilmente se sustentaria que não há aqui nenhuma representação tátil dos atos sexuais, e portanto restaria compreender por que em Schneider as estimulações táteis, e não apenas as percepções visuais, perderam muito de sua significação sexual. Pois afinal a raridade das poluções, por exemplo, não se explica pela fraqueza das representações, que são antes seu efeito do que sua causa, e parece indicar uma alteração da própria vida sexual³⁰.

Segundo Fernando de Silveira Almeida, Merleau-Ponty “critica tanto as investigações que consideram a percepção dos desejos como estímulos isoláveis, quanto a decorrente deles com o processo [...] de inteligibilidade na constituição de suas representações”³¹. E o que o autor põe em cheque a partir deste caso é existência tanto de uma reflexologia sexual condicionada, quanto a imperatividade de certos estados puros de prazer: “esse caso é importante [...] porque nos permite pensar o comportamento enquanto concreto e abstrato, assim como nos mostra as influências da psicologia empirista e/ou intelectualista”³². Com efeito, se a sexualidade fosse uma esfera autônoma e independente de qualquer contingência, a própria lesão de Schneider traduzir-se-ia num comportamento sexual acentuado; o que neste caso não acontece, pois, entre o automatismo e a pura representação, “a patologia põe em evidência [...] uma zona vital em que se elaboram as possibilidades sexuais do doente, assim como [...] suas possibilidades motoras, perceptivas e até mesmo suas possibilidades intelectuais”³³. Arelada à sexualidade, é preciso que passemos a considerar uma atmosfera que repouse sobre as potências internas do sujeito e garanta seu desdobramento sexual: “é preciso que exista um Eros ou uma Libido que animem um mundo

geométrica, o doente não somente se fecha na experiência do real, como é incapaz de projetar-se no possível, uma vez que encara seu corpo como uma massa desprovida de condições para refazer o próprio mundo-ambiente. Impossibilitado de efetuar movimentos abstratos, o comportamento de Schneider é de veras estereotipado, ainda que não lhe falte nem a motricidade, nem o pensamento. Isto nos leva, portanto, a reconhecer que existe no próprio corpo enquanto potência motora certa antecipação de resultados assegurados, uma ‘intencionalidade motora’ que nos projeta para além sem que disto tenhamos consciência plena. Schneider nos ajuda a compreender um aspecto fundamental do investimento intencional do corpo no mundo: a afirmação de uma esfera de saber sedimentada que, presente em nossas condutas, é constantemente retomada em toda percepção.

³⁰ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 214-215.

³¹ SILVEIRA, F. **Corpos sonhados - vividos**: A questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005, p. 162.

³² MANZI FILHO, R. **Quando os corpos se invadem**: Merleau-Ponty às voltas com a psicanálise. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 109.

³³ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 215.

original, dêem valor ou significação sexuais aos estímulos exteriores e esbocem, para cada sujeito, o uso que ele fará de seu corpo objetivo”³⁴.

Uma vez que no sujeito normal o corpo deixa de ser um objeto qualquer para submeter-se à um esquema sexual de veras particular – ou seja, que “acentua as zonas erógenas, delinea uma fisionomia sexual e reclama os gestos do corpo, ele próprio integrado nessa totalidade afetiva”³⁵ –, em Schneider é a própria estrutura erótica que está comprometida, pois para o doente o corpo do outro produz somente um sentimento que, longe de qualquer peculiaridade, não se basta enquanto desejamos pôr em evidência a conduta sexual: “o contato corporal estreito só produz um ‘sentimento vago’, o ‘saber de um algo indeterminado’ que nunca é suficiente para ‘acionar’ a conduta sexual e para criar uma situação que reclame um modo definido de resolução”³⁶. De acordo com Reinaldo Furlan, “o problema não se localiza nem na fisiologia, estrito senso, nem no pensamento, mas no poder que o corpo tem de se projetar no espaço e dar-lhe significação motora”³⁷. O que desaparece é antes o poder de esboçar ou manter diante de si um mundo sexual e colocar-se junto de situações eróticas.

a percepção perdeu sua estrutura erótica, tanto segundo o espaço como segundo o tempo. [...] A própria palavra satisfação nada mais significa para ele [...]. Se os próprios estímulos táteis, que em outras ocasiões o doente utiliza muito bem, perderam sua significação sexual, foi porque, por assim dizer, eles deixaram de falar ao seu corpo, de situá-lo do ponto de vista da sexualidade ou, em outros termos, porque o doente deixou de endereçar ao seu ambiente essa questão muda e permanente que é a sexualidade normal. [...] se o paciente percebe friamente a situação, é em primeiro lugar porque não a vive e porque não está envolvido nela³⁸.

Assim como uma grande parcela dos indivíduos impotentes, o problema de Schneider deve-se ao fato de perceber friamente as situações sexuais e, por consequência, não estar engajado entre elas: “Schneider estaria preso a um mundo concreto – um mundo afetivamente neutro para ele, pois as coisas não lhe despertam ou lhe apelam um sentido”³⁹. Seguindo a *Fenomenologia da Percepção*, o que o francês nos mostra pelo âmbito da sexualidade é, portanto, nosso modo de investimento no mundo, ou melhor, a intencionalidade original do corpo num mundo onde “o sexo não é [...] atmosfera sexual, maneira de existir com ou contra os outros, de viver neles ou por eles [...], de resgatar ou de perder o passado na criação ou na repetição do presente”⁴⁰.

³⁴ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 215

³⁵ GILES, T. *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*. Petrópolis: Editoria Vozes Ltda, 1979, p. 256.

³⁶ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 216.

³⁷ FURLAN, R. *Introdução à Filosofia de Merleau-Ponty*: contrapontos com Freud e Wittgenstein. 1998. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998, p. 244.

³⁸ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 216.

³⁹ MANZI FILHO, R. *Quando os corpos se invadem*: Merleau-Ponty às voltas com a psicanálise. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 121.

⁴⁰ CHAUI, M. *Experiência do pensamento*: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 68-69.

Pela via do *Corpo como Ser Sexuado* adivinha-se no sujeito normal “um modo de percepção distinto da percepção objetiva”⁴¹, uma vez que, encarnado, se revela antes de mais nada pela relação com outras realidades sensíveis. De fato, ao manter contato com outras pessoas e com o mundo, o corpo encontra na alteridade um prolongamento familiar de suas próprias intenções: “o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno”⁴². O contato com a alteridade corresponde a um dos modos pelos quais o ser toma posse e interage com o meio – o que implica compreender a inteligência não como um mecanismo isolado, mas como algo presente por todo o corpo. O horizonte da sexualidade torna claro um saber sedimentado que vai além de uma experiência para mim sem, contudo, ser ato expresso de uma consciência.

A percepção erótica não é uma *cogitatio* que visa um *cogitatum*; através de um corpo, ela visa um outro corpo, ela se faz no mundo e não em uma consciência. Um espetáculo tem para mim uma significação sexual não quando me represento, mesmo confusamente, sua relação possível aos órgãos sexuais ou aos estados de prazer, mas quando ele existe para meu corpo, para essa potência sempre prestes a armar os estímulos dados em uma situação erótica, e a ajustar a ela uma conduta sexual⁴³

Para Merleau-Ponty, na sexualidade impera uma compreensão que não necessariamente faz parte da consciência e do entendimento, mas que, enquanto desejo, liga cegamente um corpo à outro: “trata-se não de um automatismo periférico, mas de uma intencionalidade que segue o movimento geral da existência e que se abranda com ele”⁴⁴. Diante disto, se as coisas não se põem para nós como neutras e, sim, nos conduzem simbolicamente à certas atitudes ou condutas, é pela sexualidade onde o modo relacional do sujeito com o mundo se torna claro, pois ela é a chave da dialética entre o “em si” e o “para si”. Segundo o próprio filósofo, ela é a “relação entre pensamentos contraditórios e inseparáveis: é a tensão de uma existência em direção a uma outra existência que a nega e sem a qual, todavia, ela não se sustenta”⁴⁵. Dado que as ações possíveis de uma situação só se tornam viáveis devido aos apelos que o mundo lhe suscita, não é por acaso que a afetividade tanto transcende os limites das dicotomias clássicas, quanto mostra o corpo em sua radicalidade última, a saber: como ser sexuado. Enquanto sistema aberto em direção à alteridade, o corpo como ser sexuado projeta, portanto, o modo de ser do sujeito em relação ao tempo e às outras realidades sensíveis; o que, por sua vez, nos abre para a possibilidade do resgate de uma dimensão existencial da sexualidade, agora compreendida a partir da mútua pressuposição entre existência e estrutura erótica.

b) O diálogo com a Psicanálise⁴⁶ e a Sexualidade como Estilo de Existência.

⁴¹ GILES, T. *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1979, p. 256.

⁴² MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 470.

⁴³ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 217.

⁴⁴ GILES, T. *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1979, p. 257.

⁴⁵ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 231.

⁴⁶ Uma breve observação: o diálogo do fenomenólogo francês com a psicanálise perpassa grande parte de sua obra. Desde *A Estrutura do Comportamento*(1942) até *O Visível e o Invisível*(1964), impera um diálogo constante com estas diretrizes no sentido de 1) aprimorar ou resolver algumas noções inerentes à própria psicanálise e 2) fundamentar algumas de suas próprias teorias. Todavia, ainda que estas leituras sejam de fato importantes para um melhor entendimento do conjunto da obra de Merleau-Ponty, acreditamos que, dentro de nossa proposta, não precisaremos nos, por hora, ater-nos à estes detalhes, haja vista que nosso escopo diz respeito ao *Corpo Como Ser Sexuado* presente no quinto capítulo da primeira parte de sua segunda obra. Neste sentido, nos determos apenas às concepções de Merleau-Ponty encontradas entre *Estrutura do Comportamento*(1942) e a *Fenomenologia da Percepção*(1945).

Em Merleau-Ponty a experiência sexual fomenta a forma geral da existência por meio da qual o sujeito se projeta entre outras realidades sensíveis e, deste prolongamento familiar, erige sua própria história. A partir da compreensão do homem como algo em constante devir e com base na noção originária de co-pertencimento dos corpos, “tem-se o resgate existencial da dimensão sexual”. De fato, a sexualidade deixa de constituir um ciclo autônomo e independente dos outros domínios da existência, pois, assim como os outros modos do ser no mundo, “ela está ligada interiormente ao ser cognoscente e agente inteiro [...] em uma relação de expressão recíprocas”⁴⁷. Enquanto signo privilegiado de nossa abertura que, repousando sobre um arco intencional, redescobre as “raízes vitais da percepção, da motricidade e da representação”⁴⁸, o que se observa na *Fenomenologia da Percepção* é, portanto, “a correlação intrínseca entre a existência e a sexualidade”⁴⁹. É neste contexto onde a abordagem fenomenológica encontra na psicanálise freudiana um campo fértil para repensar a experiência da sexualidade, uma vez que ambas as correntes reconhecem um sentido intrínseco para todo ato humano.

Ainda que o fenomenólogo francês tenha encontrado na psicanálise uma série de embates através dos quais proporá uma recolocação deste arcabouço conceitual, ocorre que são de fato notórias as considerações despendidas aos méritos dos trabalhos freudianos. De acordo com Patricia Schneider, sob uma perspectiva fenomenológica, Merleau-Ponty buscou, em verdade, “aprimorar ou resolver determinadas noções ou questões psicanalíticas, e usou-se de muitas delas para embasar sua própria teoria”⁵⁰. Seguindo a *Fenomenologia da Percepção*, tanto em Merleau-Ponty quanto em Freud o homem não é somente o resultado de processos fisiológicos ou intelectivos isolados, mas constitui sobretudo um sentido histórico e cultural; e no caso do fenomenólogo, é o corpo que se revela como experiência e fonte deste sentido. Segundo o próprio, independentemente de quais tenham sido as assertivas freudianas, a psicanálise não visa explicar o homem por sua infra-estrutura sexual, mas encontra “na sexualidade as relações e as atitudes que anteriormente passavam por relações e atitudes de consciência”⁵¹. Sob o mesmo prisma, ainda que a linguagem freudiana seja de veras objetivista ao descrever os atos humanos conforme os termos de uma teoria das pulsões, para Merleau-Ponty os significantes psicanalíticos buscam antes de mais nada desvendar nas próprias funções corporais uma dialética capaz de reintegrar os impulsos sexuais ao homem. Sem fugir de nossas demandas, vejamos rapidamente alguns destes significantes, a saber: as noções de pulsão sexual e libido, respectivamente.

Uma das grandes descobertas da psicanálise freudiana é, com efeito, a ideia de que os atos humanos possuem sempre uma significação pulsional de ordem sexual. Ao se deparar com a inegável perversidade de seus pacientes, Freud sustenta não ser mais possível assentar as ações humanas sob o prisma do instinto; deveriam agora ser compreendidas através do conceito de pulsão, ou melhor, por um conjunto de pressões ou forças (cargas energéticas) que, da interação com o meio, crescem no organismo e que, tal qual uma panela de pressão, impulsionam o corpo para um alvo determinado. Segundo Laplanche & Pontalis, uma pulsão surge “numa excitação corporal (estado de tensão); o seu alvo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir o seu

⁴⁷ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 218.

⁴⁸ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 218.

⁴⁹ SILVEIRA, F. *Corpos sonhados - vividos: A questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty*. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005, p. 163.

⁵⁰ SCHNEIDER, P. *Merleau-Ponty: A Experiência do Corpo como Ser Sexuado*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2010, p. 47

⁵¹ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 218.

alvo”⁵². Sob este prisma, da diferenciação entre objeto e objetivo (alvo) sexual⁵³, a noção de pulsão sexual nasceria, então, de uma zona erógena do corpo que, tendo em vista um ideal fantástico (a satisfação absoluta, por exemplo), expressar-se-ia por meio de atos substitutivos – a saber: “atos moldados em fantasias e organizados em torno de um objeto fantasiado”⁵⁴. Assim, diferentemente das teorias cujos padrões de conduta estão fixados hereditariamente pelo instinto, do ponto de vista psicanalítico, uma pulsão sexual não apenas independeria do objeto sexual, como seria antes um desvio, pois, compreendida ao longo da história do próprio indivíduo, seria o lugar de tantas observações que se tornaria quase impossível de se determinar, por exemplo, o grau de perversão permitido para cada pessoa: “a extraordinária difusão das perversões força-nos a supor que tampouco a predisposição às perversões é uma particularidade rara, mas deve, antes, fazer parte da constituição que passa por normal”⁵⁵. De natureza essencialmente conflitiva, sexual será, portanto, toda conduta que, de uma zona erógena do corpo (boca, ânus, olhos, voz, pele, etc.), apoia-se numa fantasia (não realizável) e possibilita certa forma de prazer.

Neste interim, o estímulo apropriado de uma zona erógena “produz prazer, o qual provoca um aumento de tensão que é responsável pelo desencadeamento da energia motora”⁵⁶ sexual. Temos, assim, o que na teoria psicanalítica entendemos por libido. Com efeito, da necessidade de mantermos o controle sobre a nossa vida sexual, libido vem designar não somente o que do latim significa “vontade” ou “desejo”, mas estaria sobretudo relacionada ao “substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto ao alvo (sublimação, por exemplo) e quanto a fonte de excitação sexual (diversidade das zonas erógenas)”⁵⁷. Se por um lado Freud defende certo aspecto qualitativo⁵⁸ segundo o qual a libido nunca cobriria todo o campo pulsional, por outro – enquanto conceito também quantitativo – aparece tal qual uma variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes na excitação sexual, sendo que sua produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento nos possibilitariam explicar os fenômenos psicosssexuais. Mantendo-se próxima do desejo sexual, a libido seria, por assim dizer, a manifestação da vida psíquica das pulsões: “na medida em que a pulsão sexual representa uma força que exerce uma 'pressão', a libido é definida [...] como a energia dessa pulsão”⁵⁹. Presente da infância à vida adulta, irredutível às outras formas de energia pulsional e de natureza essencialmente sexual, não só seria predominantemente *masculina* (ativa), como deveria “expressar todos os fenômenos observados e os processos deduzidos em termos de economia libidinal”⁶⁰.

Voltando então à análise fenomenológica de Merleau-Ponty, ainda em Freud seria um equívoco defender que o método psicanalista segue na contramão do método fenomenológico. Sem dar-se conta, aquele (Freud) contribui à fenomenologia ao afirmar “que todo ato humano 'tem um sentido', e ao procurar em todas as partes compreender o

⁵² LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 506.

⁵³ Em Freud, *objeto sexual* diz respeito à pessoa de quem provém a atração sexual, enquanto que *alvo sexual* será a ação para onde a pulsão nos impele.

⁵⁴ NASIO, J.-D. **O Prazer de Ler Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 47.

⁵⁵ FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade*. In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 7v, p. 160.

⁵⁶ GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 108.

⁵⁷ LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 343.

⁵⁸ Em Jung o conceito de libido estaria sobretudo relacionado a uma força pulsional psíquica tomada segundo certa generalidade, que pode ou não ser sexualizada. Freud põe-se na contração de Jung ao entender na libido um aspecto exclusivamente sexual.

⁵⁹ LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 344.

⁶⁰ FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade*. In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 7v, p. 205.

acontecimento, em lugar de relacioná-lo às condições mecânicas⁶¹. Da diferenciação entre objeto e objetivo (alvo) sexual, em Freud a pulsão sexual nasceria, como dissemos, de uma zona erógena que, possibilitando certa forma de prazer, expressar-se-ia por meio de atos substitutivos e ideais fantásticos; o que, de acordo com as leituras merleau-pontianas, nos garantiria compreender a atividade sexual não apenas como efeito de certos processos fisiológicos ou genitais. De fato, distintamente do instinto⁶², a própria libido seria antes “o poder geral que o sujeito psicofísico tem de aderir a diferentes ambientes, de fixar-se por diferentes experiências, de adquirir estruturas de conduta”⁶³. Portanto, se é a sexualidade quem oferece a chave da vida de um homem, é nela onde podemos encontrar seu modo de ser em relação ao mundo, ao tempo e aos outros homens.

Seguindo neste mesmo escopo, posto que a energia da pulsão sexual é a libido e o seu objetivo é a satisfação, de acordo com a teoria psicanalítica, surgiriam problemas quando, incapaz de seguir seu curso normal no desenvolvimento da sexualidade, a libido fixava-se em algum dos estágios pré-genitais e, fora da consciência, produzia efeitos involuntários sobre o comportamento. Se desejássemos manter o controle de nossas paixões frente a ordem social, esta força deveria ser direcionada de tal modo que nossas pulsões precisariam de orientação externa desde a infância. De uma teoria elaborada em “terceira pessoa”, caberia, portanto, ao terapeuta não só fazer com que o paciente trouxesse à consciência este material reprimido, mas torná-lo capaz de, objetivamente, resolver seus problemas, sabendo sempre o que haveria por detrás deles. Contudo, se diante deste pressuposto “é a sexualidade que faz com que um homem tenha uma história”⁶⁴, há de se observar também que em Merleau-Ponty nossa vida sexual, diferentemente da psicanálise, não deve ser entendida como uma realidade autônoma, pois, desde a primeira pessoa do singular, está ligada a todo ser cognoscente e atuante. De acordo com o próprio em *A Estrutura do Comportamento*, sem questionar a importância da teoria freudiana dentro do âmbito da estrutura erótica e, conseqüentemente, das regulações sociais...

o que gostaríamos de nos perguntar [...] é se os próprios conflitos dos quais ele fala, os mecanismos psicológicos que descreveu, a formação dos complexos, o recalque, a repressão, a resistência, a transferência, a compensação, a sublimação, exigem de fato o sistema de noções causais através do qual ele os interpreta, e que transforma as descobertas da psicanálise numa teoria metafísica da existência. [...] O complexo não é, pois, uma coisa que subsistiria no fundo de nós para produzir de tempos em tempos seus efeitos na superfície. [...] Tratar-se-ia de entender como certas dialéticas separadas e, distorcendo o sentido da palavra, certos autômatos espirituais dotados de uma lógica interior podem se constituir no fluxo da consciência e dar uma justificativa aparente ao pensamento causal, às ‘explicações em terceira pessoa’ de Freud. [...] o funcionamento psíquico tal como Freud o descreveu, os conflitos de força e os mecanismos energéticos que imaginou representariam apenas [...] um comportamento fragmentário, isto é, patológico. A possibilidade de construir uma explicação causal da conduta é exatamente proporcional à insuficiência das estruturas realizadas pelo sujeito. A obra de Freud não é um quadro da existência humana, mas um quadro de anomalias, por mais frequentes que sejam. [...] as explicações causais de Freud seriam sempre anedóticas, dariam conta apenas dos aspectos mais exteriores de um amor verdadeiro, do

⁶¹ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 218-219.

⁶² Em Merleau-Ponty, instinto seria uma atividade orientada para fins específico e determinados.

⁶³ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 219.

⁶⁴ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 219.

mesmo modo que, segundo o próprio Freud, as explicações fisiológicas não esgotam o conteúdo de um sonho. Os atos espirituais teriam seu sentido próprio e suas leis interiores (MERLEAU-PONTY, 2006, pp. 275-280)

Isto posto, retomando a *Fenomenologia da Percepção*, segundo Marcos José Muller-Granzotto:

No capítulo dessa obra de 1945 intitulado 'Le corps comme être sexué', Merleau-Ponty afirma [...] que há algo censurável na psicanálise freudiana: a metapsicologia com a qual Freud procura explicar os eventos clínicos. Contaminada pelos pressupostos cientificistas da época, a metapsicologia freudiana não poderia refletir sobre o fato de as histéricas 'mentirem' senão por meio de uma tese objetivista, formulada na 'terceira pessoa' do singular, segundo a qual a simulação histérica é o efeito de um conflito intrapsíquico intolerável que, não obstante ter sido tornado inconsciente, continua produzindo manifestações⁶⁵

Se a cura na psicanálise trata-se não apenas de tornar inteligível para o sujeito sua própria vida, mas de fazê-lo reviver e liquidar seus antigos conflitos em prol da relação com o psicanalista, para o fenomenólogo francês, o âmbito da sexualidade será, com efeito, recíproco às demais esferas da vida, pois, ainda que tenha ligações específicas com a atividade sexual, em Merleau-Ponty a libido não se limita ao sexo num sentido estrito. Ainda que mais adiante o mesmo afirme na clínica freudiana o descortinamento de "um campo intencional, que se revela tanto nas falas quanto nas reações sociais que enlaçam analista e analisante"⁶⁶, em *O Corpo como Ser Sexuado*, Merleau-Ponty nos mostra que, embebido dos pressupostos de sua época, Freud tende de fato a entender a sexualidade como "uma força biológica que de alguma maneira dirige de fora as ações humanas"⁶⁷. De acordo com Marcus Sacrini Ferraz, se grande parte dos problemas descritos pela psicanálise envolve a sexualidade, para Merleau-Ponty isto não tem haver com um a-priori desta em relação aos demais extratos da vida, mas é "porque a atitude geral do ser no mundo [...] sempre envolve a sexualidade, que [...] deve ser definida [...] como um momento expressivo da relação entre corpo próprio e mundo"⁶⁸. Assim, se para o médico alemão a libido era restrita à atividade sexual, para o filósofo francês esta noção, ainda que possua uma conexão íntima com nossas atividades genitais, não se limitará ao sexo em sentido estrito, pois a sexualidade será sobretudo "uma maneira de ser no mundo físico e inter-humano"⁶⁹.

Na história sexual, concebida como a elaboração de uma forma geral de vida, podem introduzir-se todos os motivos psicológicos, porque não há mais interferência de duas causalidades e porque a vida genital está engrenada na vida total do sujeito. E não se trata tanto de saber se a vida humana repousa ou não na sexualidade, mas de saber o que se entende por sexualidade. A psicanálise representa um duplo movimento de pensamento: por um lado, ela insiste na infraestrutura sexual da vida; por outro, ela 'incha' a noção de sexualidade a ponto

⁶⁵ MULLER-GRANZOTTO, M. J. Merleau-Ponty leitor de Freud. *Nat. hum.*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 399-432, dez. 2005, p. 401.

⁶⁶ MULLER-GRANZOTTO, M. J. Merleau-Ponty leitor de Freud. *Nat. hum.*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 399-432, dez. 2005, p. 401.

⁶⁷ MATTHEWS, E. *Compreender Merleau-Ponty*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 140.

⁶⁸ FERRAZ, M. S. A. *O transcendental e o existente em Merleau-Ponty*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, p. 101.

⁶⁹ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 219.

de integrar a ela toda a existência. [...] Quando se generaliza a noção de sexualidade e se faz dela uma maneira de ser no mundo físico e inter-humano, quer-se dizer, em última análise, que a existência inteira tem uma significação sexual, ou que todo fenômeno sexual tem uma significação existencial? Na primeira hipótese, a existência seria uma abstração, um outro nome para designar a vida sexual. Mas como a vida sexual não pode mais ser circunscrita [...], não há mais nenhum sentido em dizer que a existência inteira se compreende pela vida sexual, ou antes essa proposição torna-se uma tautologia. Seria preciso dizer então [...] que o fenômeno sexual é apenas uma expressão de nossa maneira geral de projetar nosso ambiente? Mas a vida sexual não é um simples reflexo da existência: uma vida eficaz, na ordem política e ideológica, por exemplo, pode acompanhar-se de uma sexualidade deteriorada [...]. Inversamente, a vida sexual pode ter [...] um tipo de perfeição técnica que não corresponde a um vigor particular do ser no mundo. Mesmo se o aparelho sexual é atravessado pela corrente geral da vida, ele pode confiscá-la em seu benefício. A vida se particulariza em correntes separadas. Ou as palavras não têm nenhum sentido, ou então a vida sexual designa um setor de nossa vida que tem relações particulares com a existência do sexo. Não se trata de diluir a sexualidade na existência, como se ela fosse apenas um epifenômeno. Justamente se admitimos que os distúrbios sexuais dos neuróticos exprimem seu drama fundamental e nos oferecem como que sua ampliação, resta saber por que a expressão sexual desse drama é mais precoce, mais frequente e mais visível do que as outras; e por que a sexualidade é não apenas um signo, mas ainda um signo privilegiado. [...] a visão, a audição, a sexualidade e o corpo não são apenas os pontos de passagem, os instrumentos ou as manifestações da existência pessoal: esta retoma e recolhe em si aquela existência dada e anônima. Quando dizemos que a vida corporal ou carnal e o psiquismo estão em uma relação de *expressão* recíproca, ou que o acontecimento corporal tem sempre uma *significação* psíquica, essas fórmulas precisam ser explicadas. Válidas para excluir o pensamento causal, elas não significam que o corpo seja o invólucro transparente do Espírito. Retornar à existência como ao meio no qual se compreende a comunicação entre o corpo e o espírito não é retornar à Consciência ou ao Espírito; a psicanálise existencial não deve servir de pretexto a uma restauração do espiritualismo⁷⁰

Seguindo adiante, é então apoiado na patologia de uma jovem que começa a perder suas capacidades de fala e deglutição ao ser proibida pelos pais de enamorar-se por seu amado onde, segundo Fernando de Almeida Silveira, Merleau-Ponty nos mostrar mais uma vez como não é possível “associar uma manifestação anímica do corpo a uma causa diretamente reportável a certa estrutura biológica da vida, no caso, a sexualidade”⁷¹. De fato, se observarmos o caso da Jovem afônica sob o ponto de vista freudiano, não raro o explicaríamos como uma falha no desenvolvimento normal da libido que, preso à “fase oral”, concentrar-se-ia predominante na boca: “a condição da garota seria descrita como ‘regressão’ a esta fase devido à frustração sexual, que ela expressaria por meio de sintomas envolvendo o uso da boca para comer e falar”⁷². Contudo, ainda que garganta e boca estejam relacionadas ao desenvolvimento da sexualidade no sujeito, para Merleau-Ponty estas partes do corpo

⁷⁰ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 219-221.

⁷¹ SILVEIRA, F. **Corpos sonhados - vivos**: A questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005, p. 166.

⁷² MATTHEWS, E. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 142.

possuem um sentido ainda mais amplo, uma vez que estão diretamente relacionadas ao nosso modo de co-existir com outras pessoas: “o que se ‘fixou’ na boca não é apenas a existência sexual; são, mais geralmente, as relações com o outro, das quais a fala é o veículo”⁷³. Com efeito, se nossos atos pessoais são coextensivos à existência e à sexualidade, esta, por sua vez, funde nossas tomadas de posições subjetivas com outros seres humanos; o que nos conduz a compreender também que “nossas reações podem ser pessoais mesmo sem ser conscientes, podendo ser expressas pelo corpo sem ser meros efeitos passivos de estímulos causais atuando sobre nós”⁷⁴. Assim, posto que o desenvolvimento da sexualidade desempenha um papel importante na constituição do sujeito, mesmo sem o saber, a situação da jovem é ao mesmo tempo pessoal e sexual: “recusando-se a falar [...] a garota está expressando seu desejo de romper relações com outras pessoas, particularmente com a própria família”⁷⁵.

A afonia, diz o francês, “não representa apenas uma recusa de falar, a anorexia uma recusa de viver, elas são essa recusa do outro [...] generalizadas, consumadas, tornadas situação de fato”⁷⁶. E é por representar um problema humano (não meramente biológico ou psicológico) que a garota, ao valer-se de psicoterapia e rever seu amado, não apenas recuperou a fala, mas a vontade de viver: “isso porque seu desejo pôde se expressar, o que é essencial ao ser humano, uma vez que os estados depressivos têm como cerne o sentimento de culpabilidade pela não satisfação de um desejo próprio para se submeter ao desejo do outro”⁷⁷. Portanto, a partir de Merleau-Ponty a sexualidade é não apenas um signo privilegiado da existência humana, mas a oportunidade de familiarizar-nos com a humanidade em seu drama mais geral, a saber: num só tempo, autônoma e dependente.

A importância atribuída ao corpo, as contradições do amor ligam-se, portanto, a um drama mais geral que se refere à estrutura metafísica de meu corpo, ao mesmo tempo objeto para o outro e sujeito para mim. A violência do prazer sexual não bastaria para explicar o lugar que a sexualidade tem na vida humana e, por exemplo, o fenômeno do erotismo, se a experiência sexual não fosse como uma prova, dada a todos e sempre acessível, da condição humana em seus momentos mais gerais de autonomia e de dependência⁷⁸

Isto posto, sob a ótica do *Corpo como Ser Sexuado*, podemos vislumbrar não somente uma manifestação ontológico-existencial entre corpo existente e corpo sexuado (nosso estilo de ser e existir em relação aos outros), mas sobretudo uma ampliação do horizonte da sexualidade, agora compreendido a partir de uma co-determinação entre existência e vida sexual ou afetiva. Temos, então, acesso a uma compreensão onde a sexualidade se constitui como um dos modos de manifestação subjetiva do sujeito sem, contudo, reduzir-se à aspectos exclusivamente genitais ou objetivos.

Sem ser objeto expresso de uma consciência, é a sexualidade quem fomenta a forma geral da existência humana, e, permeando as camadas desta mesma existência, é por ela que o homem projeta seu modo e estilo de ser em relação aos outros. Levando em conta a similitude das razões que nos impedem de fomentar uma hierarquia entre corpo, sexualidade e existência, do mesmo modo, jamais conseguiremos separar história pessoal de vida sexual: “não temos como explicar uma pela outra, porque uma está arraigada à outra que somente poderíamos afirmar que um sujeito teve esta história de vida porque ele teve esta história

⁷³ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 222.

⁷⁴ MATTHEWS, E. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 142.

⁷⁵ MATTHEWS, E. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 142.

⁷⁶ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 227.

⁷⁷ SCHNEIDER, P. **Merleau-Ponty: A Experiência do Corpo como Ser Sexuado**. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2010, p. 68.

⁷⁸ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 231.

sexual⁷⁹. Inserida em sua complexidade mundana, em Merleau-Ponty a sexualidade é, portanto, um atmosfera ambígua que, da região corpórea onde brota e habita, é 1) coextensiva à vida e 2) se encarrega de uma dialética tão global que encontra no equívoco a expressão de algo essencial para a existência humana e para o sujeito: “Fazendo-se [...] existência [...] o tema sexual pôde ser [...] a ocasião de tantas observações [...] justas [...] que é impossível procurar na [...] sexualidade a explicação da [...] existência”⁸⁰. Vejamos por fim como o francês fomenta esta relação promiscua entre existência e vida sexual.

c) A Promiscuidade entre Existência e Vida Sexual

Pautados na obra de 1945, somos levados a compreender que, seja para qual direção for, a cada instante brota de nós uma intenção que nos projeta num mundo intersubjetivo e nos impele a viver sempre de maneira inacabada. Entre signo e significação, por exemplo, não existe uma via de mão única onde um mais autêntico em relação ao outro, pois ambos estão pressupostos mutuamente – e o mesmo acontece entre corpo e existência, onde “o corpo é a existência fixa e generalizada, e a existência uma encarnação perpétua”⁸¹. Desta mesma maneira, acerca do *Corpo como Ser Sexuado*, a sexualidade destaca-se como uma atmosfera ambígua que sublinha um princípio de indeterminação, no qual 1) o equívoco se faz essencial à existência humana – pois tudo o que vivemos sempre possui múltiplos sentidos⁸² – e 2) é impossível determinarmos para cada ato o que é propriamente sexual ou não sexual, uma vez que impera certa uma osmose entre existência e vida afetiva.

Sendo que a existência não se reduz à sexualidade e, num só tempo, esta (existência) não pode ser a mesma quando lhe falta aquela (sexualidade), é ligando a sexualidade à ambiguidade do corpo próprio que, tal qual os demais horizontes humanos, a vida afetiva vem representar um dos modos intransponíveis de nosso investimento no mundo. Irradiando um odor ou um som da região onde habita no corpo, é enquanto expressão de uma atmosfera ambígua em direção ao outro que, seguindo os passos de Merleau-Ponty, para nós a sexualidade será coextensiva às indeterminações de nossa existência. De fato, se em algum momento a explicação da existência é concomitante à retomada de uma explicação sexual, é por ser deste modo que sempre possui pelo menos dois sentidos: “existe osmose entre a sexualidade e a existência, quer dizer, se a existência se difunde na sexualidade, reciprocamente a sexualidade se difunde na existência”⁸³. Deste modo, impera na própria existência humana certo princípio de indeterminação que não apenas difere de uma representação subjetiva para nós, como também não diz respeito à alguma falha do entendimento humano: “não se deve acreditar que um Deus poderia sondar os corações e os rins e delimitar aquilo que nos vem da natureza e aquilo que nos vem da liberdade”⁸⁴.

Devido a sua estrutura fundamental, em Merleau-Ponty nossa existência é essencialmente ambígua, indeterminada e misteriosa. Sendo o lugar equívoco de nossa comunicação onde os limites se embaralham numa trama global, “ela é a própria operação

⁷⁹ MANZI FILHO, R. **Quando os corpos se invadem**: Merleau-Ponty às voltas com a psicanálise. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, pp. 89-90.

⁸⁰ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 233-234.

⁸¹ GILES, T. **Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1979, p. 258.

⁸² Um estilo de vida caracterizado, por exemplo, pela atitude de fuga ou solidão pode muito bem ser a expressão de certo estado de sexualidade.

⁸³ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 234.

⁸⁴ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 234.

através da qual [...] o que só tinha um sentido sexual adquire uma significação mais geral, o acaso se faz razão enquanto ela é a retomada de uma situação de fato”⁸⁵. Com efeito, se n’algum momento o autor pontua o aspecto concêntrico da relação entre existência subjetiva e sexualidade no qual o corpo, somado a uma consciência, é “abertura à coisas e aos outros”⁸⁶, será em seu próprio movimento de retomada e transformação das situações factuais que – ofertando um âmbito de possibilidades para o que até então não possuía sentido – a existência compreender-se-á sobretudo por uma transcendência incapaz de abandonar a si própria: “justamente por ser transcendência, a existência nunca ultrapassa nada definitivamente, pois então a tensão que a define desapareceria”⁸⁷. Diferentemente de certos processos objetivistas e causais, nossa existência não admite, portanto, nem conteúdos acidentais, tampouco fatos puros e isoláveis; o que nos garantiria uma integração do corpo e da sexualidade na totalidade de nossas experiências. Como bem observa Patricia Schneider em sua dissertação:

Merleau-Ponty tematiza que a sexualidade, a existência corporal, se funde em mim para quem da minha vontade, consciência ou controle [...] para além de toda definição do humano como puramente racional ou ainda, para além de toda presunção científica que visa tão somente reduzir o plano da afetividade enquanto um mero processo causal. O filósofo [...] denuncia que as intencionalidades que propulsionam o ser em direção ao outro e ao mundo, além de o governarem não são tão conscientes, controláveis ou manipuláveis assim. [...] a existência corporal se funde em mim independentemente de minha vontade ou cumplicidade. Dessa forma, a afetividade corporal se projeta como o esboço de uma verdadeira presença no mundo. [...] Merleau-Ponty enraíza a consciência no corpo, reportando-se [...] a uma consciência perceptiva, afetivamente intencional. Tudo isso porque redescobrimos na afetividade uma experiência transcendental do ser total. Ela se torna, exemplarmente, a expressão mais genuína de um ser que deseja, que escolhe, que ama, que se comunica com o outro e com o mundo. [...] Eis a tese fenomenológica básica de qual parte Merleau-Ponty: a sexualidade, a corporeidade não depende da minha consciência, como condição, para existir⁸⁸.

Na *Fenomenologia da Percepção*, tanto sexualidade quanto corpo não devem ser entendidos como contingências da nossa experiência no mundo, pois é pelo fato de ser transcendência⁸⁹ que “a existência não tem atributos fortuitos, nenhum conteúdo que não contribua para lhe dar sua forma, ela não admite em si mesma um puro fato porque ela é o movimento pelo qual os fatos são assumidos”⁹⁰. Se deste modo a relação do homem com seu corpo está sempre investida de um valor ontológico intrínseco e se, na mesma medida, este lugar de transcendência é antes o próprio mundo onde o sujeito é compreendido a partir

⁸⁵ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 234.

⁸⁶ MERLEAU-PONTY, M. **A natureza**: curso do College de France. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 444.

⁸⁷ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 234.

⁸⁸ SCHNEIDER, P. **Merleau-Ponty: A Experiência do Corpo como Ser Sexuado**. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2010, p. 70.

⁸⁹ Na *Fenomenologia da Percepção* a noção de transcendência surge para designar o vínculo que se estabelece entre a abertura do indivíduo para o mundo (transcendência ativa) e a opacidade deste mundo inseparável de sua realidade. E ainda que em textos tardios o francês pense a opacidade do mundo desvinculada desta abertura do sujeito, a transcendência continua a designar nosso caráter dimensional e de pertencimento à um “âmbito de mundo”.

⁹⁰ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 234-235.

de sua carnalidade, não nos equivocamos ao dizer que, da sexualidade à motricidade e à consciência tética, para Merleau-Ponty todas as funções humanas são rigorosamente solidárias entre si. De fato, uma vez que definimos o sujeito através de suas experiências intencionais e corpóreas no mundo, “um homem sem mão ou sem sistema sexual é tão inconcebível quanto um homem sem pensamento”⁹¹. E ainda que se objete tais proposições alegando a necessidade de uma tautologia diante de tal paradoxo, é fato que o homem deixaria de constituir-se como tal “se lhe faltasse um só dos sistemas de relação que efetivamente possui”⁹². Encarnado num mundo sempre inacabado, segundo a fenomenologia merleau-pontiana é, portanto, impossível diferenciarmos na constituição global do ser humano organizações contingentes e predicados necessários.

no homem, tudo é necessidade e, por exemplo, não é por uma simples coincidência que o ser racional é também aquele que se mantém de pé ou possui um polegar que se opõe aos outros dedos; a mesma maneira de existir se manifesta em ambas as situações. No homem tudo é contingência, no sentido de que essa maneira humana de existir não é garantida à criança por alguma essência que teria recebido no seu nascimento, pois o homem deve constantemente refazer-se na existência através dos acasos do corpo objetivo⁹³.

Já em *A Estrutura do Comportamento*, Maurice Merleau-Ponty aponta para a necessidade de renunciarmos, por exemplo, o sistema nervoso como diametralmente superior aos nossos estados afetivos e sexuais. Desde sua primeira grande obra, não há como separá-los, tampouco como subordiná-los. E se o sistema sexual não é autônomo, “a vida sexual normal está integrada ao conjunto do comportamento”⁹⁴. Em verdade, é este nuance de pluralidade do corpo em relação com o mundo e com a alteridade que, de acordo com Fernando de Almeida Silvera, não apenas evita de cristalizarmos a corporeidade num estado absolutamente fechado de coisa em-si, como abre espaço para entendermos a sexualidade para além de um “aspecto transcendente ao fenômeno da vida, centrada em representações inconscientes”⁹⁵. Assim, retomando as diretrizes da *Fenomenologia da Percepção*, se na existência não se configuram nem posses incondicionais, tampouco atributos furtivos, longe de ser uma espécie natural, o homem constitui-se, portanto, como uma ideia histórica.

Uma vez que “ela é a mudança da contingência em necessidade pelo ato de retomada”⁹⁶, na *Fenomenologia da Percepção* a própria existência humana nos impele a reconsiderar as noções usuais de necessidade e contingência. De fato, tudo o que somos, o somos em relação ao outro, ou melhor, sobre esta base de fatos, condições e situações que fazemos nossas “e que transformamos sem cessar por uma espécie de *regulagem* que nunca é uma liberdade incondicionada”⁹⁷. E voltando à questão da sexualidade, para Maurice Merleau-Ponty, não existe uma explicação dela (sexualidade) que não se reduza a ela mesma,

⁹¹ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 235.

⁹² MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 235.

⁹³ GILES, T. **Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1979, p. 260.

⁹⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 234.

⁹⁵ SILVEIRA, F. **Corpos sonhados - vividos**: A questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005, p. 171.

⁹⁶ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 236.

⁹⁷ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 236.

pois, sendo o que é, já corresponde a algo além de si, ou seja, nosso ser por inteiro: “a sexualidade [...] é dramática porque engajamos nela toda a nossa vida pessoal”⁹⁸.

Postas sob a via do corpo sexuado, as relações entre sexualidade e existência na abordagem merleau-pontiana nos garantiriam, segundo Fernando Almeida Silveira, certa desvinculação de uma “compreensão essencialista dos fenômenos inerentes a estas correlações, na medida em que a corporeidade assegura a conexão existencial (e, portanto, contingencial) nas relações tensas do corpo existente e sexuado”⁹⁹. Se o corpo que somos corresponde para nós o nosso ser por inteiro e nossa existência como um todo – de forma que jamais conseguimos saber ao certo qual é verdadeiramente a conduta do sujeito ou conduta do outro –, segundo esta perspectiva não existe de fato um “ultrapassamento da sexualidade, assim como não há sexualidade fechada sobre si mesma”¹⁰⁰. A partir das análises do *Corpo como Ser Sexuado* podemos, portanto, vislumbrar no próprio corpo algo distinto daquilo que podemos entender por um eu natural objetivo e científico, uma vez que “descobrimos até em sua função sexual uma intencionalidade e um poder de significação”¹⁰¹. Em Maurice Merleau-Ponty, finalizando, ninguém está inteiramente salvo, tampouco inteiramente perdido, pois, como dissemos, todo ato humano (encarnado em relação com o outro) possui sempre diversos sentidos possíveis, que, direta ou indiretamente, envolvem a todo instante nosso horizonte afetivo e sexual.

Conclusão: O Corpo Sexuado como Marca da Ambiguidade

De acordo com Merleau-Ponty, a relação que mantemos com o mundo está pressuposta na relação do corpo consigo mesmo. Contudo, quando pensa o *esquema corporal*, tal noção só nos fará sentido se estiver compreendida dialeticamente com os outros esquemas corporais. Neste contexto, se faz necessário ter em vista certa atmosfera que, para além de uma experiência para mim, nos mostre nossa familiaridade com o mundo sem, contudo, apresentar-se independente da infraestrutura existencial humana. Afim de evidenciar a própria gênese do ser, nossa atmosfera sexual e afetiva emerge, portanto, como parte constituinte e inalienável de nossa vida com as situações práticas do mundo. Devemos procurar ver como os seres se põem para nós pelo desejo ou pelo amor para só então compreendermos como as coisas poderão em geral ser ou existir.

De acordo com a proposta merleau-pontiana, nossa ligação com a alteridade (outros seres) não é uma relação de conhecimento objetivo (causa e efeito), pois se constitui através do nosso ser total, onde a afetividade marca sua constante presença. Entre o automatismo (empirismo) e a pura representação (intelectualismo), as coisas são apreendidas na mesma medida que o horizonte dos nossos desejos e emoções. Sendo assim, da relação que estabelecemos com os outros por nossa abertura afetiva, é revelando às teorias clássicas seus próprios limites que as análises de Merleau-Ponty nos conduzem a admitir uma zona vital onde se compõem as possibilidades sexuais de cada pessoa.

Imanente à vida sexual, é preciso que consideremos uma função primordial que garanta seu desdobramento. Precisamos ter em vista que na própria existência impera uma EROS ou LIBIDO capazes de animar um mundo original, dar significação sexual aos estímulos exteriores e esboçar o uso que cada sujeito projeta e faz de seu corpo: uma “função primordial” onde corpo não é mais um objeto qualquer, mas estrutura subtendida num

⁹⁸ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 236.

⁹⁹ SILVEIRA, F. *Corpos sonhados - vivos*: A questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005, pp. 171-172.

¹⁰⁰ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 236.

¹⁰¹ GILES, T. *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1979, p. 260.

esquema sexual de veras particular. Com efeito, partindo da análise de certas patologias, Merleau-Ponty não só nos revela modos de ser diferentes da “normalidade”, como nos faz entender que a percepção erótica não é uma cogitação (cogitatio) que visa um cogitado (cogitatum); ela se faz no mundo, não numa consciência laborativa. Neste sentido, o sujeito possui em si uma compreensão que não passa diretamente pela ordem tética mas que, enquanto projeto em direção ao outro, liga cegamente um corpo à alteridade.

Afastando-se tanto de um empirismo (que entende o assunto como uma relação de estímulos exteriores entre prazer e dor), quanto de um intelectualismo (que a compreende como efeito de uma consciência cognitiva), estamos falando de um movimento intencional que segue a existência e que se abrandam com ela. Deste modo, a sexualidade não deverá ser aqui entendida tal qual uma realidade autônoma ou determinante estrita dos nossos atos, como nos mostra, por exemplo, a psicanálise freudiana. Ligada a todo ser cognoscente e atuante por uma relação de co-pertencimento mútuo, é ela quem fomenta a forma geral da existência humana, e, permeando as várias camadas desta mesma existência, é por ela que o homem projeta seu modo de ser e seu estilo: “como atmosfera ambígua, a sexualidade é coextensiva à vida”¹⁰².

Sendo que nossas vivências sempre terão vários sentidos possíveis, a sexualidade é, assim, um dos modos pelos quais, espontaneamente, o sujeito toma posse do meio. E se o equívoco constitui uma parte essencial do homem, a vida sexual não poderá ser somente o genital ou o instintivo, pois será o poder que o sujeito psicofísico (corpo) tem de fixar-se em múltiplos ambientes e experiências. Em Merleau-Ponty, é a sexualidade quem, diluída na existência, não somente faz com que um homem adquira estruturas de conduta, mas – em relação com a alteridade – erija sua história desde a primeira pessoa do singular.

Chegando enfim ao que entenderemos por uma promiscuidade entre existência e vida sexual, em Merleau-Ponty vemos que impera certa osmose entre vida afetiva a existência. Sendo a existência algo em si indeterminado devido a sua própria estrutura, a questão da sexualidade assumirá um lugar privilegiado para o francês, uma vez que torna evidente certo princípio de indeterminação em que sexualidade e existência se difundem mutuamente.

a sexualidade, sem ser objeto de um ato de consciência exposto, pode motivar as formas privilegiadas da minha experiência. [...] A existência é em si indeterminada por causa da sua estrutura fundamental, já que ela é a própria operação através da qual [...] o que só tinha um sentido sexual adquire uma significação mais geral [...] . [...] a existência nunca ultrapassa nada definitivamente [...] ela nunca abandona a si mesma”¹⁰³

Para Merleau-Ponty, a vida sexual não só expõe um modo de ser dialético num mundo inter-humano, como evidencia a maneira geral pela qual o sujeito encarnado se relaciona com o as coisas. Somos levados a compreender que a cada instante brota de nós uma intenção que nos projeta num mundo intersubjetivo e nos impele a viver sempre de maneira inacabada. Sendo inviável considerarmos uma hierarquia entre corpo, sistema nervoso e sistema sexual, tudo está pressuposto mutuamente. Sem ser objeto de uma consciência, a sexualidade não é nem transcendência da vida humana, nem imagem de suas representações inconscientes, pois, da região onde habita (corpo), será determinante e determinada pela existência.

Pautados na obra de 1945, é impossível determinar, para cada situação, o que é ou não propriamente sexual. Há na vida humana um princípio de indeterminação que garante

¹⁰² MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 235

¹⁰³ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 233-234

ao corpo sexuado estar integrado às ações mundanas. Distante de qualquer determinismo, todas as funções humanas serão, neste sentido, rigorosamente solidárias entre si. Sendo impossível distinguirmos no homem fatos contingentes e necessários, este (homem ou sujeito encarnado) mostrar-se-á sempre como uma função viva que em sua totalidade é antes uma ideia histórica e não uma espécie natural. Uma vez que a própria existência – sendo a medida de nossas mudanças – nos obriga a reconhecer a indeterminação de nossas necessidades, a sexualidade não será, então, nem fechada em si mesma, nem mais que ela mesma; ela será nosso ser por inteiro. A partir de Merleau-Ponty, ninguém está inteiramente salvo, muito menos inteiramente perdido, pois, se de um lado o corpo sexuado é abertura para o mundo e estilo de nossa existência, por outro é intencionalidade e poder de significação. A sexualidade será, portanto, a oportunidade de familiarizarmo-nos com a humanidade em seu drama mais geral, a saber: num só tempo, autônoma e dependente.

Referências

- CARDIM, L. N. **A Ambiguidade na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty**. 2007. Tese (doutorado em filosofia) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CHAUI, M. S. **Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DA SILVA, C. A. F. **A Carnalidade da Reflexão: Ipseidade e Alteridade em Merleau-Ponty**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2009
- DUPOND, P. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2010.
- FERRAZ, M. S. A. **Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty**. Campinas, SP: Papirus, 2009.
- _____. **O transcendental e o existente em Merleau-Ponty**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade*. In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 7v.
- FURLAN, R. **Introdução à Filosofia de Merleau-Ponty: contrapontos com Freud e Wittgenstein**. 1998. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- GILES, T. **Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1979.
- HIDALGO, M. Gestalt, expressão e temporalidade – **considerações sobre a fenomenologia da percepção, de Maurice Merleau-Ponty**. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia). Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- MANZI FILHO, R. **Em torno do corpo próprio e sua imagem**. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

____. **Quando os corpos se invadem:** Merleau-Ponty às voltas com a psicanálise. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MATTHEWS, E. **Compreender Merleau-Ponty.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

____. **A natureza:** curso do College de France. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

____. **Fenomenologia da percepção.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

____. **Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos filosofia e linguagem:** resumo de cursos. Campinas: Papyrus, 1990 a.

____. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas;** precedido por Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção (1933) ; e, A natureza da percepção (1934). Campinas: Papyrus, 1990 b.

____. **Psicologia e pedagogia da criança:** curso da Sorbonne, 1949-1952. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

____. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 4ª edição, 2012

MULLER-GRANZOTTO, M. J. Merleau-Ponty leitor de Freud. **Nat. hum.,** São Paulo, v. 7, n. 2, pp. 399-432, dez. 2005.

NÁSIO, J-D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

____. **O Prazer de Ler Freud.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

SCHNEIDER, P. **Merleau-Ponty: A Experiência do Corpo como Ser Sexualizado.** 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2010.

SILVEIRA, F. **Corpos sonhados - vividos:** A questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

VERRISÍMO, Danilo Saretta. **Posição e Crítica da Função Simbólica nos Primeiros Trabalhos de Merleau-Ponty.** 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

VIEIRA, M. **Corpo e psicopatologia na filosofia de Merleau-Ponty.** 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

WAELEHENS, A. Uma Filosofia da Ambiguidade. *In:* MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento.** São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp. I-XXV.

Texto recebido em: 08/05/2016

Accito para publicação em: 17/05/2016